

ORIGINAL ARTICLE

O Ensino-Aprendizagem da Pronúncia no Programa Inglês sem Fronteiras (IsF) na Universidade Federal do Paraná (UFPR): análise da perspectiva dos professores

Camila Haus¹

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil.

RESUMO

Em 2012, o Ministério de Educação (MEC) desenvolveu o programa Inglês sem Fronteiras (IsF) para ampliar a aprendizagem do inglês no Brasil. Nesta pesquisa, a questão se refere à importância do ensino de uma pronúncia que retém menos características do sotaque do L1, considerando as condições do IsF na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Os estudos das áreas de fonética/fonologia, de linguística aplicada e de pesquisas sobre metodologias de ensino de línguas estrangeiras foram utilizadas como referencial teórico neste trabalho. As perspectivas de professores de IsF foram analisadas através de um questionário e os resultados revelam que a ideia de inteligibilidade aparece no seu discurso, possivelmente revelando que o ensino da pronúncia no IsF depende do conceito de Inglês como Língua Franca (ILF). As consequências indicam a relevância do programa visto que promove o aprimoramento do ensino de inglês no país e contribui para a educação inicial de professores de inglês.

PALAVRAS-CHAVE: Programa Inglês sem Fronteiras; ILF; Inteligibilidade; Práticas pedagógicas.

Teaching and Learning Pronunciation in the English without Borders Program (EwB) at the Federal University of Paraná: an analysis from the perspective of professors

ABSTRACT

In 2012, the Ministry of Education (MEC) developed the English without Borders program (EwB) to expand the learning of English in Brazil. In this research, the issue raised refers to the importance of teaching pronunciation that retains less L1 accent characteristics, considering the conditions of EwB in the Federal University of Paraná (UFPR). The study areas of phonetics/phonology, applied linguistics and research about foreign language teaching methodologies were used as theoretical reference in this paper. The perspectives of EwB teachers' were analyzed through a questionnaire and results reveal that the idea of intelligibility appears in their discourses, possibly showing that the teaching of pronunciation in the EwB relies on the concept of *Inglês como Língua Franca (ILF)*. The pedagogical implications indicate the relevance of the program since it promotes the improvement of English teaching in the country and contributes for the initial education of English teachers.

KEYWORDS: English without Borders program; ILF; Intelligibility; Pedagogical practices.

Corresponding Author:

CAMILA HAUS
<camila.haus@gmail.com>



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International license, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original publication is properly cited.
<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

1. INTRODUÇÃO

Em 2012, o Ministério da Educação (MEC) juntamente com a Secretaria de Educação Superior (SESu) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) criou o programa Inglês sem Fronteiras (IsF). Por ser recente, muitas questões sobre como o processo de ensino-aprendizagem do inglês como língua estrangeira se desenvolve neste contexto específico estão sendo postas. Mais especificamente neste artigo, o ponto que se levanta é o de qual seria a importância dada pelos professores ao ensino da pronúncia e como este se dá no programa específico do IsF realizado na UFPR (IsF/UFPR) com vistas a possíveis mudanças nos procedimentos pedagógicos utilizados.

Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa exploratória, quantitativa e qualitativa. Exploratória por ter como foco um programa governamental recente, ainda pouco estudado. Quantitativa e qualitativa por basear-se na coleta de dados e na descrição de fenômenos e experiências no âmbito do referido programa. O trabalho se apoia em um referencial teórico das áreas de fonética/fonologia, linguística aplicada e em pesquisas sobre metodologia do ensino de língua estrangeira, com contribuições de autores como Harmer (2001) e Brown (2007). Alguns temas abordados são o mito do falante nativo, a inteligibilidade e o inglês como língua franca (ILF), principalmente com base nas teorias de Jenkins (2007). Tudo isso levando em consideração o papel dos professores do programa Inglês sem Fronteiras, os quais estão também em processo inicial de sua formação. O trabalho que aqui se apresenta é um recorte dos pontos principais levantados e usados para a redação da monografia de final de curso.

2. INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA E INTELIGIBILIDADE

O papel que o inglês assume na atualidade como uma língua que é usada ao redor do mundo é extremamente complexo de se determinar, e por este motivo há inúmeras nomenclaturas para defini-lo. Aqui se utilizará como base e referência o conceito de Inglês como Língua Franca (ILF), por este envolver de forma mais próxima a realidade dos falantes brasileiros. O ILF é, segundo Becker e Kluge (2014): “basicamente uma língua de contato usada entre pessoas com línguas maternas diferentes” (Becker & Kluge, 2014, p. 51, tradução minha¹). Jenkins (2007) afirma que o falante nativo está presente nas interações de ILF, mas não serve como referência linguística no estudo destas. É preciso ficar claro que, como aponta a mesma autora, quando se trata de ILF o objetivo não é criar uma língua comum entre os falantes, mas promover a inteligibilidade internacionalmente e o respeito aos diversos “Englishes” ao redor do mundo.

Mas o que seria esta inteligibilidade?

Os defensores da ILF adotam a ideia de que a inteligibilidade entre os falantes é o elemento necessário para que a interação seja efetiva. Para

¹ Original: “*basically a contact language used among people with different mother tongues.*” (Becker & Kluge, 2014, p. 51).

explicar este conceito, Pickering (2006) menciona o “Paradigma tripartido de Smith e Nelson”, que compreende:

inteligibilidade, a habilidade que o ouvinte tem em reconhecer palavras e elocuições individuais; compreensibilidade, a habilidade do ouvinte de entender o significado da palavra ou elocução num determinado contexto; e interpretabilidade, a habilidade que o ouvinte tem de entender as intenções do falante por trás da palavra ou elocução. (Pickering, 2006, p. 02, tradução minha²)

Este tripartido facilita o entendimento de um construto complexo que é a inteligibilidade, mas ainda resta a questão do como ser inteligível. Becker (2011, p. 183) aponta justamente a pronúncia como principal fator que afeta a inteligibilidade. Para garantir a intercompreensão na oralidade, Jenkins (2007) desenvolveu o Lingua Franca Core (Núcleo da Língua Franca), um conjunto de elementos que afetam a inteligibilidade na pronúncia entre falantes não nativos de inglês. Becker (2014) resume este núcleo de elementos fonéticos da seguinte forma:

1. O inventário de consoantes;
2. Encontros consonantais (clusters);
3. Distinção na duração de vogais (longas × curtas);
4. Acento tônico — nuclear stress;
5. Requisitos fonéticos (e.g. aspiração após /p/, /t/, /k/). (Becker, 2014, p. 235).

Apesar de os conceitos de ILF e inteligibilidade já estarem sendo disseminados entre os estudos de aquisição da língua inglesa e o objetivo ser a comunicação entre falantes não nativos, ainda existe o estereótipo de falante nativo³ como modelo de pronúncia correta. Contudo, ao analisar a realidade em que a língua inglesa se encontra hoje, a questão de quem seria este suposto nativo se torna extremamente complexa. Tanto McKay (2003) quanto Crystal (2003) defendem a ideia de que os falantes de ILF criaram novas formas de usar o inglês nos níveis fonológico, sintático, lexical e pragmático, resultando no fato de que, quem aprende a língua, passa a ser o dono dela. Além disso, McKay (2003) também levanta o fato de que o próprio grupo de falantes nativos não é homogêneo. Muitos falantes não nativos assumem a errônea ideia de que os falantes do círculo interno de Kachru⁴ utilizam um único inglês padrão, mas como afirma Sharifian (2009, p. 08,

² Original: “*intelligibility, the ability of the listener to recognize individual words or utterances; comprehensibility, the listener’s ability to understand the meaning of the word or utterance in its given context, and interpretability, the ability of the listener to understand the speaker’s intentions behind the word or utterance.*” (Pickering, 2006, p. 02).

³ Este esteriótipo de falante nativo é comentado por Khan (2009), que menciona Phillipson (1992). Este discute tal esteriótipo através do conceito de “falácia do falante nativo”, isto é, uma importância dada ao modelo de falante nativo a fim de manter um imperialismo linguístico. Ainda segundo Phillipson (1992), este imperialismo “restringe a posse da língua a ‘falantes nativos’ ou países localizados no ‘círculo interno’” (p. 203, tradução minha, original: “restricts the ownership of language to ‘native speakers’ or countries located in the ‘inner circle.’”).

⁴ Braj Kachru descreveu o papel e o uso do inglês a partir da divisão dos usuários da língua inglesa em três círculos distintos: interno (países dos falantes nativos), externo (países multilíngues onde o inglês é segunda língua) e em expansão (países que reconhecem a importância do Inglês como Língua Internacional (ILI) ou ILF e desenvolvem a aprendizagem do inglês como língua estrangeira). (Crystal, 2003).

tradução minha⁵): “uma suposição errônea neste contexto é a de que os falantes nativos de inglês não têm dificuldades em entender os sotaques uns dos outros”.

Cada aprendiz da língua inglesa, dependendo do seu contexto social, econômico e político, tem diferentes objetivos. Não podemos proibir a busca por uma competência de falante nativo, mas seguindo o conceito de ILF, é preciso evitar o preconceito com relação a possíveis interferências da primeira língua na pronúncia ao mesmo tempo em que se garanta a inteligibilidade na comunicação. Este é exatamente o contexto que temos no Inglês sem Fronteiras, programa do governo federal em parceria com universidades em todo o país.

3. O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS

Em 2012 surge o programa Inglês sem Fronteiras (IsF), cujo principal objetivo seria “incentivar o aprendizado do idioma inglês, além de propiciar uma mudança abrangente e estruturante no ensino de idiomas estrangeiros nas universidades do País” (2014⁶).

Para alcançar tal objetivo, o IsF realiza as seguintes ações específicas:

- Ensino de inglês online, através do site My English Online (MEO);
- Ensino presencial;
- Testes de proficiência no idioma (TOEFL ITP).

Dentro destas ações, a que mais interessa aqui é o ensino presencial (onde supostamente ocorre o processo de ensino-aprendizagem da pronúncia) e o contexto do mesmo na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em todas as universidades credenciadas, o programa IsF se dá através dos Núcleos de Línguas (NucLi). Na UFPR, o NucLi foi implementado pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM), em parceria com o Centro de Línguas e Interculturalidade (Celin) e o Núcleo de Assessoria Pedagógica (NAP). Os diferentes cursos ofertados têm carga horária de quatro horas semanais, podendo ser de 16, 32 e 48 horas de duração no total. A equipe do IsF/UFPR é composta por uma coordenadora geral, um coordenador pedagógico e dez professores. Cada professor é responsável por três turmas, o que totaliza 30 cursos por oferta. As reuniões pedagógicas com todos os membros da equipe ocorrem todas as sextas-feiras, quando são desenvolvidas oficinas sobre metodologias de ensino da língua inglesa e feitas trocas de experiências, leituras, organizações dos cursos e discussões sobre a estrutura e organização do programa. Quanto ao perfil dos dez professores, são graduandos do curso de Letras – Inglês (alguns também do Português) na UFPR, têm de 19 a 40 anos e são nove mulheres e um homem. Para se tornarem professores do programa, todos passaram por uma entrevista, uma banca (onde deram uma aula de 50 minutos) e realizaram o TOEFL ITP, alcançando um score superior a 600 pontos⁷.

⁵ Original: “a wrong assumption in this context is that native speakers of English have no difficulty understanding each other’s accent.” (Sharifian, 2009, p. 08).

⁶ Mais informações no site <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/ingles-sem-fronteiras>>. Acesso em 18 nov. 2014.

⁷ A nota máxima do TOEFL ITP é de 677 pontos. Os professores do IsF/UFPR devem estar acima de 600, caracterizando-se como C1 (Falante proficiente, acima de 627) ou B2 (Falante Independente, acima de 543) segundo o CEF – *Common European Framework*. Mais informações no site <http://www.ets.org/g/toefl_itp/research/>. Acesso em 21 abr. 2015.

A nota mínima neste teste de proficiência é exigência do MEC, enquanto a entrevista e a banca são particularidades do NuLi da UFPR⁸.

4. A PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO ISF/UFPR SOBRE PRONÚNCIA

Com o objetivo de analisar a perspectiva dos professores do Inglês sem Fronteiras (IsF) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no que tange o ensino da pronúncia de língua inglesa, foi elaborado um questionário⁹ composto de sete perguntas, formuladas em português. O mesmo foi respondido por nove¹⁰ dos dez professores do programa¹¹, no período entre dezembro de 2014 e março de 2015.

4.1. Conceito e valor de pronúncia

A pergunta 1 do questionário se refere a como o ensino da pronúncia era tratado durante suas trajetórias escolares, ou seja, qual foi a experiência que os professores tiveram no ensino de inglês da escola regular. Tais respostas foram comparadas com as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998), documento oficial do governo o qual orienta as práticas dos professores das escolas públicas regulares. Segundo tal documento, a necessidade de comunicação oral em inglês no país é baixa e exames formais como vestibulares exigem o domínio da leitura. Além disso, condições de sala de aula dificultam o ensino de habilidades comunicativas. Por estes motivos, a escola deve enfatizar o exercício da leitura. As respostas dos professores do IsF/UFPR à pergunta 1 corroboram esta realidade, também mencionada nos PCN's do Ensino Médio (2000). Sete dos entrevistados referem-se ao ensino da pronúncia na escola regular como algo que não era abordado ou não possuía destaque. O que se percebe nestas respostas é a mesma afirmação de que o foco não era comunicação oral, mas sim gramática. Como exemplo, temos:

[d]e forma geral a fala recebeu muito pouco destaque nas aulas. (...) Na verdade os conteúdos se resumiam à gramática, um pouco de leitura, quase nenhuma produção escrita e oral. Não éramos incentivados a falar Inglês de forma alguma e, se eventualmente falávamos, a pronúncia não era corrigida pelo professor. (Professor 7)

O Professor 9, inclusive, menciona que esta defasagem no ensino-aprendizagem da pronúncia nas escolas regulares ocorra “[t]alvez por falta de uma legislação que valorize a pronúncia e não apenas a leitura e a escrita, como a vigente atualmente”. As respostas levam a considerar que as recentes propostas teóricas a respeito de ILF são de uma natureza, e a prática é de outra. O que se entende é que muito das falhas na prática, as quais estão

⁸ Informação obtida com coordenador pedagógico do IsF/UFPR.

⁹ Foi solicitada a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos respondentes.

¹⁰ Dentre os dez professores, o que não respondeu ao questionário é a autora deste trabalho, a qual optou por não ser um sujeito da pesquisa.

¹¹ As identidades dos professores serão mantidas em sigilo. Para referência, será atribuído a cada professor um número, o qual será mantido até o final da pesquisa. As marcas de gênero foram eliminadas e todos serão referidos como ‘professor’.

também nos documentos (PCN's e etc), estariam na contradição entre o que se entende como necessidade (o ensino de ILF) e o que se vê como realidade.

A pergunta 2 do questionário visava a entender qual a importância da pronúncia para cada professor do IsF/UFPR, com o propósito de identificar as crenças em relação a esta. Crenças pessoais a respeito da pronúncia contribuem para como este aspecto da língua é ensinado em todo o contexto do programa IsF/UFPR, pois podem guiar a ação do professor¹².

A partir das respostas, foi possível observar uma ideia de ensino-aprendizagem de pronúncia que considera a inteligibilidade como o elemento fundamental. Sete dos nove professores comentam que a importância da pronúncia está na intercompreensão, nos sons que podem ser distintivos de significado e podem comprometer o “processo de se fazer entender por outros indivíduos, sejam falantes nativos ou não” (Professor 7). Os Professores 2 e 3 ainda mencionam que o vocabulário e a gramática não são suficientes se a pronúncia não for inteligível. Por outro lado, os outros dois professores não fizeram menção a isso, os outros dois professores encionam que o vocabulário e a gramática não são suficientes se a pronúncia não for inteligível. Por outro lado, os outros dois professores encionam que o vocabulário e a gramática não são suficientes se a pronúncia não for inteligível. Surge também na pergunta 2 a questão do falante nativo, o qual foi negado como possível modelo em diversas respostas. Os Professores 1, 3, 5 e 6 comentam que não há uma pronúncia correta e que esta deve ser algo pessoal e sem um modelo ideal: “um brasileiro aprendendo inglês jamais falará inglês americano, e sim o inglês brasileiro, porque é o que ele é” (Professor 3). Por fim, o Professor 7 levantou a questão a respeito dos alunos terem diferentes objetivos no aprendizado da língua, os quais devem ser respeitados.

Analisando, portanto, as respostas da pergunta 2, pode-se afirmar que a maioria dos professores do IsF/UFPR apresentam conceitos e crenças sobre pronúncia correspondentes aos de Inglês como Língua Franca. O Professor 6 afirma que “[n]em todos falam da mesma maneira e isso não é algo ruim. Isso enriquece a língua e a mantém viva”. Uma possível justificativa para esta visão por parte dos professores do IsF pode ser consequência de seus estudos no curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, em disciplinas como Linguística (estudos de fonologia, morfologia, sintaxe, lexicologia, semântica e estilística), Linguística Aplicada, Literaturas, Metodologia do Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas — Anglo-Germânicas, Cultura e Ensino de LEM na Escola, entre outras.

4.2. O papel da pronúncia nas aulas do IsF

Tendo em vista este cenário de crenças e valores dos professores do IsF/UFPR, podemos seguir para a análise de como estes mesmos professores ensinam pronúncia dentro do contexto do programa, de suas necessidades e ambições. Tal informação é acessível pelas respostas à pergunta 4 do questionário, que se referia justamente ao papel da pronúncia nas aulas em geral.

Dentre os nove professores, sete colocaram a pronúncia como habilidade importante que é sempre trabalhada ou que merece foco em determinadas situações. É pertinente destacar que existe um curso dentro do IsF/UFPR

¹²Segundo Cristiane Perine (2012), crenças seriam formas de interpretar o mundo e ressignificá-lo não individualmente, mas como modos de pensar co-construídos a partir de condições ideológicas, interações com o outro e com diferentes contextos.

focado somente na pronúncia, como menciona o Professor 9: “[e]m turmas de *Improving your Pronunciation*, foco totalmente em pronúncia, uma vez que este é o propósito do curso”. A questão da inteligibilidade é novamente colocada nesta pergunta 4, pois sete professores relacionaram sua prática em sala de aula com esta necessidade. Segundo estes, as intervenções concernentes à pronúncia são feitas quando esta pode comprometer o entendimento do que está sendo dito ou causar estranhamento. Também se observa aqui a negação do fenômeno do falante nativo, uma vez que estes mesmos sete professores afirmam que, além de intervirem quando a inteligibilidade está sendo comprometida, valorizam o “sotaque brasileiro ao falar inglês” (Professor 3) ou orientam os alunos “a permanecer com as particularidades de sua própria pronúncia” (Professor 6). É possível identificar, então, que as crenças pessoais dos professores a respeito do ensino da pronúncia parecem se efetivar em suas aulas. Além disso, o conceito de Inglês como Língua Franca, o qual valoriza a intercompreensão entre falantes não nativos da língua, não deixa de considerar a pronúncia como um aspecto significativo no processo de ensino-aprendizagem.

Outra característica acerca do papel da pronúncia nas aulas do IsF/UFPR aparece nas respostas de três professores. Além de avaliarem a habilidade oral como algo importante em suas aulas, eles afirmam mediar a fala dos alunos quando visualizam uma mesma produção inadequada com frequência: “[q]uando existe uma recorrência muito grande de algum problema de pronúncia específico, faço alguma atividade relacionada a esse ponto em especial” (Professor 8). Infere-se, então, que estes professores não fazem intervenções diretas e constantes na pronúncia dos alunos, mas percebem as produções no geral e buscam trabalhar/explorar as dificuldades maiores e mais comuns. Este tipo de intervenção não constante se torna eficiente no processo de ensino-aprendizagem de segunda língua se ponderarmos a afirmação de Douglas Brown (2007, p. 259, tradução minha¹³) de que “[é] perigoso prestar muita atenção nos erros dos alunos. Enquanto os erros de fato revelam um sistema em funcionamento, os professores de sala de aula podem se tornar tão preocupados em notá-los que as produções corretas na segunda língua passam despercebidas”.

4.3. Expectativas dos alunos em relação à pronúncia

As perguntas 5 e 6 do questionário tinham como objetivo fazer um levantamento inicial sobre as expectativas dos alunos do IsF a respeito de pronúncia. Destaca-se aqui que seria apenas uma noção, uma vez que as ideias dos alunos foram acessadas através da perspectiva dos professores. As respostas a esta questão corroboram a afirmação de Jenkins (2007) de que ainda há polêmica acerca da pronúncia “correta”, atingida pela conquista de um sotaque equivalente a de um provável falante nativo.

Cinco professores mencionam diretamente este fenômeno de modelo ideal de pronúncia, pois vêem que seus alunos têm o objetivo de alcançar um ideal de inglês americano ou britânico. Os Professores 3 e 6 inclusive citam

¹³Original: “There is a danger in too much attention to learners’ errors. While errors indeed reveal a system at work, the classroom teachers can become so preoccupied with noticing errors that the correct utterances in the second language go unnoticed.” (Brown, 2007, p. 259).

que os alunos julgam as pronúncias do professor em sala de aula, acreditando que se este fala inglês “bem”, é porque segue o padrão de um falante nativo. Três dos professores comentam suas formas de agir perante esta crença dos alunos, sendo que o Professor 7 procura desmistificá-la “apresentando conceitos de variação, sotaque, registro” e os Professores 3 e 6 afirmam fazer uma ponte com o conhecimento que o aluno tem de sua língua materna: “exemplifico isso mostrando como seria ensinar um norte-americano a falar o ‘legítimo português brasileiro’. Não existe um dialeto que represente todo o país, assim como no inglês” (Professor 3). “Dou exemplos como o nordeste e o sul do Brasil: falamos a mesma palavra de um jeito muito diferente e ainda assim nos entendemos” (Professor 6).

Para os Professores 4 e 8, a habilidade oral é sempre motivo de empolgação por parte dos alunos, que se esforçam para desenvolvê-la e baseados nas correções dos professores. Apenas o Professor 9 afirma que seus alunos “geralmente não possuem grande expectativa quanto ao ensino da pronúncia (exceto os que se matriculam em cursos de *Improving your Pronunciation*)”. Uma possível justificativa para esta afirmação seria o fato de que, até responder o questionário, este professor ministrou os cursos de “Melhorando sua pronúncia”, “Compreensão de textos”, “Técnicas de escrita” e “Preparatório para o TOEFL IBT”. Talvez ele tenha comparado o grande interesse em pronúncia por parte dos alunos de Melhorando sua pronúncia com o interesse no mesmo tema dos alunos de outros cursos, o que fez com que ele interpretasse este último como não significativo.

A pergunta 6 do questionário era a única de múltipla escolha e solicitava aos professores que indicassem quais eles acreditam ser as maiores dificuldades de seus alunos em relação à aprendizagem de pronúncia, considerando o contexto do IsF. As diferenças nas respostas foram mínimas, sendo entonação a dificuldade mais apontada (6 vezes). Segundo Jeremy Harmer (2001), entonação é justamente um dos elementos os quais o professor precisa solicitar dos alunos uma maior atenção quando se trata de inteligibilidade. O autor afirma que

[s]e inteligibilidade é o objetivo, então isso sugere que algumas características da pronúncia são mais importantes que outras (...). Acentuar palavras e frases corretamente é vital se a intenção é dar ênfase para partes importantes em mensagens ou que palavras sejam entendidas corretamente. Entonação — a habilidade de variar o passo e o tom de fala — é também um importante portador de sentido. (Harmer, 2001, p. 184, tradução minha¹⁴).

Uma possibilidade para justificar tal ocorrência nas respostas é de que os professores pensaram nas dificuldades nas quais acreditam ser mais necessária uma intervenção por parte deles, por isso notam mais tais produções. Coincidentemente, os aspectos que Harmer (2001) aponta como fundamentais na pronúncia inteligível são os mesmos apontados pelos professores.

¹⁴Original: “If intelligibility is the goal then it suggests that some pronunciation features are more important than others (...). Stressing words and phrases correctly is vital if emphasis is to be given to the important parts of messages and if words are to be understood correctly. Intonation — the ability to vary the pitch and tune of speech — is an important meaning carrier too.” (Harmer, 2001, p. 184).

4.4. A formação profissional no IsF/UFPR

A última pergunta do questionário aplicado aos professores do IsF/UFPR diz respeito ao processo de formação (se este ocorre) dentro do programa IsF. Todos os professores do programa são bolsistas graduandos em processo de formação inicial em sua profissão. Consequentemente, suas concepções de ensino, práticas pedagógicas e metodologias ainda dependem de experiências formativas, daí a importância de se estudar a existência desta no contexto do programa na UFPR.

Sete dos professores (isto é, todos com exceção de dois que ingressaram em janeiro de 2015 e, portanto, assumem não ter uma visão ampla do processo de formação que ocorre dentro do IsF) consideram as reuniões realizadas com toda a equipe, semanalmente¹⁵, como o principal elemento para a formação inicial. Segundo estes professores, as reuniões englobam discussões sobre o funcionamento do programa, contato com temas do ensino através da elaboração de workshops, leituras de textos teóricos, reflexão sobre diferentes métodos e apoio de coordenadores mais experientes. Ao descrever estas reuniões, os professores mostraram grande interesse pelo processo, analisando-o como algo que influencia positivamente suas práticas: “[a]cho uma ótima iniciativa, nos mantém [sic] motivadas e sempre refletindo sobre a educação e seus problemas” (Professor 1).

Além das reuniões semanais da equipe do IsF/UFPR, outro elemento destacado por quatro professores como contribuinte para a formação foi a própria prática docente. Para estes, as vivências de sala de aula são espaço de aprimoramento do professor, complementadas pela troca de experiências e ideias entre os colegas da equipe. Portanto, ao considerar o processo de formação dentro do IsF/UFPR, podemos ver um lado mais formal e sistemático, que seriam as reuniões, e um lado mais informal, que seriam as práticas em sala de aula e a troca de ideias com os colegas de trabalho¹⁶.

5. IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Para se estudar o ensino-aprendizagem da pronúncia no IsF/UFPR, fez-se necessário entender o contexto no qual este surge e seus objetivos. Baseando-se no propósito do programa de ensinar inglês aos que precisam da língua em suas carreiras acadêmicas, é possível inferir que o objetivo dos alunos participantes seja um dos mencionados por McKay (2003, p. 04, tradução minha¹⁷): “ter acesso a informações tecnológicas e científicas, a organizações internacionais, ao comércio global, e ao ensino superior”. Confirma-se, portanto, a necessidade de se desenvolver um ensino-aprendizagem de pronúncia dentro do IsF baseado no conceito de ILF e que vise a inteligibilidade. O resultado da análise dos dados mostra que os professores já possuem em seus discursos a ideia de ensino-aprendizagem de pronúncia que considera a inteligibilidade como elemento fundamental,

¹⁵ Estas reuniões são realizadas nas sextas-feiras, das 14h às 17h, na sala do Núcleo de Acessoria Pedagógica (NAP) no Campus Reitoria da UFPR. A ata é feita pelos coordenadores do IsF/UFPR.

¹⁶ A análise das respostas à pergunta três não foram consideradas pois não trouxeram dados interessantes ou relevantes para a pesquisa.

¹⁷ Original: “access to scientific and technological information, international organizations, global economic trade, and higher education.” (McKay, 2003, p. 04).

além da não necessidade de alcançar um determinado sotaque de falante nativo. Entretanto, os alunos ainda apresentam uma crença em modelos de pronúncia a serem seguidos. Se ainda existe e se confirma esta crença, é preciso incluir o conceito de “inteligibilidade” nas aulas do IsF, e como já sugerira Cruz (2014, p. 246): “promover, através de discussões, a conscientização dos alunos em relação à inteligibilidade de suas falas”.

Feitas estas considerações, surge então a necessidade de desenvolver práticas para o ensino da pronúncia dentro do IsF. Aqui seguem considerações e sugestões, porém cabe à equipe do programa desenvolver estratégias de ensino-aprendizagem, tanto em nível nacional (o programa IsF como um todo), quanto em nível local (dentro do IsF/UFPR). Primeiramente, poderiam ser definidos conteúdos programáticos que se mostrem essenciais quando se considera a realidade de ILF. O primeiro seria justamente o conceito de inteligibilidade, já referido aqui como essencial para a conscientização por parte dos alunos do que seria esperado de suas produções em contextos de interação reais. Depois, seria necessário identificar aspectos da pronúncia que afetam a compreensão, sendo interessante analisar os descritos por Harmer (2001) e Jenkins (2007). Todavia, é importante lembrar a afirmação de Pickering (2006) de que a inteligibilidade está diretamente ligada ao contexto, dependendo do falante, do ouvinte, do espaço e do social. Isto é, a intercompreensão em qualquer contexto não está limitada apenas a determinados sons, é preciso reconhecer a complexidade deste processo e entendê-lo dentro dos diferentes espaços, aqui o do programa IsF/UFPR. Após a seleção dos conteúdos, os professores poderiam pensar em atividades contextualizadas que apresentem palavras contendo estes aspectos da pronúncia, além de mostrar aos alunos produções orais de falantes de diferentes línguas maternas. Estas são possíveis soluções locais, mas um esforço maior por parte do governo para fornecer tanto materiais a serem usados em sala quanto referências teóricas seria um facilitador do processo de ensino em âmbito nacional.

Por fim, um aspecto extremamente importante do programa IsF está no papel que o mesmo cumpre na formação dos professores, já que estes são bolsistas alunos e, conseqüentemente, ainda estudando para poder ter um bom desempenho na profissão. Ao acessar o site do Inglês sem Fronteiras (2015¹⁸) é possível encontrar uma menção ao fato de que os professores dos cursos presenciais são alunos de Letras – Licenciatura, mas não há explicações a respeito dos critérios de seleção para os mesmos ou de qualquer tipo de preparo para a docência dentro do IsF. O que se sabe é que a exigência do MEC é um score superior a 600 pontos no TOEFL-ITP. Contudo, esta é apenas uma prova de proficiência na língua, não testando os conhecimentos sobre a prática de sala de aula. Considerando a importância que o programa tem em âmbito nacional e a responsabilidade que é dada a estes alunos bolsistas, pode-se ponderar como sendo uma lacuna o fato de não existir, por parte do governo, uma proposta formal de aprimoramento dos professores assim como uma exigência maior no momento da seleção destes.

Em contrapartida, ao analisarmos o contexto do IsF no Núcleo de Línguas da UFPR, vemos que não só a nota no TOEFL é necessária, mas os alunos que

¹⁸Mais informações no site <<http://isf.mec.gov.br/curso-presencial>>. Acesso em 18 nov. 2014.

querem ser bolsistas também passam por uma entrevista e uma banca¹⁹. Além disso, a partir das respostas à questão 7, vemos que existe um processo de formação acontecendo e que se faz demasiadamente importante. Segundo os professores, existem dois processos que contribuem para o aprimoramento e desenvolvimento das habilidades da profissão, os quais já foram mencionados e poderíamos classificar como formal e informal. O mais sistemático seria o encontro semanal da equipe, onde se foca na teoria a respeito do ensino de língua inglesa. O outro processo, informal, se compõe das práticas em sala de aula e da troca de experiências entre os colegas bolsistas. Fazendo uma reflexão a respeito deste funcionamento, vemos um processo de formação ideal conforme o que alega Perine (2012) lembrando contribuições do professor e pesquisador Vilson Leffa:

[p]ara Leffa (2001), a formação de professores é entendida como uma preparação mais complexa do professor, em que além do conhecimento adquirido, o conhecimento experimental é levado em consideração. A parte mais relevante neste processo é o fato de que existe, por parte do professor, reflexão sobre estes dois tipos de conhecimento que juntos compõem a chamada formação do professor. (Perine, 2012, p. 375).

Desta maneira, a formação seria justamente a junção entre teoria e prática. Além de mencionar Leffa, a autora também apresenta o que Kumaravadivelu (2003) chama de pedagogia pós-método, ou seja, o professor observando e avaliando sua própria prática de ensino, individualmente e em grupo, a fim de identificar problemas e encontrar soluções. Aqui se destaca também o quanto se torna significativa a troca de experiências que os professores do IsF afirmam realizar, já que este processo de reflexão precisa ocorrer também coletivamente. A pesquisadora Perine (2012) ainda coloca que dar a oportunidade aos professores de realizar uma prática reflexiva possibilita a formação de um profissional “capaz de refletir sobre suas crenças, sua prática, de (re)pensá-las, de se ver como agente ativo em sua formação, de (des)construir teorias, de se ver como capaz de produzir conhecimento” (Perine, 2012, p. 379). À vista disso, é possível concluir que o processo de formação que ocorre no programa IsF oferece oportunidades únicas de aprimoramento uma vez que ter a possibilidade de ministrar aulas ao mesmo tempo em que se teoriza a respeito destas contribui significativamente para a formação destes alunos de Letras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar a importância do ensino da pronúncia e como este se dá no contexto do programa IsF realizado na UFPR (IsF/UFPR) com vistas a possíveis mudanças nos procedimentos pedagógicos utilizados. Dentro deste objetivo maior, foi necessário conceituar a importância da pronúncia em geral, levantando questões sobre inteligibilidade em oposição ao mito do falante nativo e o conceito de inglês como língua franca (ILF). Espera-se que esta pesquisa tenha levantado questões pertinentes ao ensino da

¹⁹Segundo o coordenador pedagógico do IsF/UFPR, esta não é uma exigência do MEC. Porém, estudos futuros poderiam esclarecer se esta também é uma prática de outras instituições além da UFPR.

língua inglesa no país, considerando os atuais estudos e pesquisas realizados sobre ILF e inteligibilidade, considerando especificamente o contexto do Inglês sem Fronteiras. Principalmente, se almeja que desta pesquisa surjam mais investigações e análises deste tão novo programa do governo, o IsF, o qual se expandiu em Idiomas sem Fronteiras²⁰. Sempre ao estudar o ensino de línguas, não podemos deixar de lado toda a complexidade que envolve o status de uma língua no mundo, do quanto ela ainda pode mudar e o quanto seu futuro é imprevisível. Ademais, não se pode ignorar o fato de que cada sala de aula é única, cada aprendiz tem diferentes objetivos, cada espaço tem diferentes particularidades. Não se pode oferecer uma única metodologia ou proposta de ensino e esperar que esta funcione e seja efetiva em qualquer contexto. Por isso, pesquisas sobre o programa em si, sobre o ensino de língua inglesa no Brasil e na atualidade, precisam sempre estar sendo realizadas.

REFERÊNCIAS

- Becker, Márcia Regina. 2011. O ensino-aprendizagem da pronúncia da língua inglesa. In Jordão, Clarissa et al. *Formação “desformatada”: Práticas de professores de língua inglesa*. 1st. ed. Campinas: Pontes Editores, p. 177-200.
- _____. 2014. Globalização, inglês como lingua franca e inteligibilidade. In Albini, A. B. *O jeito brasileiro de falar inglês: Pesquisas sobre a pronúncia do inglês por falantes brasileiros*. 1st. ed. Campinas: Pontes Editores, p. 223-238.
- Becker, Márcia Regina & Kluge, Denise Cristina. 2014. Intelligibility of English as a Lingua Franca (ELF): Perception by speakers of Brazilian Portuguese. *Copal – Concordia Working Papers in Applied Linguistics*, Canadá, p. 50-57.
- Brasil. 1998. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Língua Estrangeira. Brasília, MEC/SEF.
- _____. 2000. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)*. Ensino Médio. Linguagem, Códigos e suas Tecnologias. Competências e Habilidades: Conhecimentos de Língua Estrangeira Moderna. Brasília: MEC/SEF.
- Brown, H. Douglas. 2007. Cross-Linguistic Influence and Learner Language. In _____. *Principles of language learning & teaching*. 5th. ed. New York: Pearson Education, p. 248-284.
- Crystal, David. 2003. *English as a global language*. 2nd. ed. New York: Cambridge University Press.
- Cruz, Neide Cezar. 2014. Inteligibilidade e o ensino da pronúncia do inglês para brasileiros. In Albini, A. B. *O jeito brasileiro de falar inglês: Pesquisas sobre a pronúncia do inglês por falantes brasileiros*. 1st. ed. Campinas: Pontes Editores, p. 239-252.
- ETS-TOEFL ITP Assessment Series. Disponível em: <http://www.ets.org/toefl_itp/research/>. Acesso em 21 abr. 2015.
- Harmer, Jeremy. 2001. Teaching pronunciation. In _____. *The practice of English language teaching*. 3th. ed. London: Longman, p. 183-197.
- Inglês sem Fronteiras*: Curso presencial. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/curso-presencial>>. Acesso em 18 nov. 2014.

²⁰No dia 17 de novembro de 2014 o MEC lançou o programa *Idiomas sem Fronteiras* (IsF). Tal programa prevê o mesmo público e as mesmas ações (aplicação de testes de proficiência, cursos on-line e presenciais) para outras línguas além do inglês: francês, espanhol, italiano, japonês, mandarim, alemão e português para estrangeiros. Mais informações em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20910:novo-programa-oferece-formacao-em-sete-linguas-alem-de-portugues-para-estrangeiros&catid=212&Itemid=164>. Acesso em 08 jun. 2015.

- Inglês sem Fronteiras: O Programa*. Disponível em: <<http://isf.mec.gov.br/o-programa>>. Acesso em 18 nov. 2014.
- Jenkins, Jennifer. 2007. EFL: What it is and what it is thought to be. In _____. *English as a Lingua Franca: Attitude and Identity*. 1st. ed. New York: Oxford University Press, p. 1-30.
- _____. 2007. Language attitudes. In _____. *English as a Lingua Franca: Attitude and Identity*. 1st. ed. New York: Oxford University Press, p. 65-92.
- _____. 2007. ELF and Identity. In _____. *English as a Lingua Franca: Attitude and Identity*. 1st. ed. New York: Oxford University Press, p. 197-235.
- Khan, Sarah Zafar. 2009. Imperialism of International Tests: An EIL. In Sharifian, Farzad. *English as an international language: Perspectives and pedagogical issues*. 1st. ed. Great Britain: MPG Books, p. 81-118.
- Mckay, Sandra Lee. 2003. Toward an appropriate EIL pedagogy: re-examining common ELT assumptions. *International journal of applied linguistics*, John Wiley & Sons, Inc. New Jersey, p. 1-22.
- Perine, Cristiane Manzan. 2012. Linguística Aplicada: crenças e o desafio de formar professores de línguas. *Domínios de Linguagem – Revista Eletrônica de Linguística*, p. 364-392.
- Pickering, Lucy. 2006. Current research on intelligibility in English as a lingua franca. *Annual Review of Applied Linguistics*, p. 219-233.
- Sharifian, Farzad. 2009. English as an International Language: An Overview. In _____. *English as an international language: Perspectives and pedagogical issues*. 1st. ed. Great Britain: MPG Books, p. 1-18.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

Nome: _____ Idade: _____

Ensino médio: escola pública escola particular

Curso de graduação: _____

Há quanto tempo atua como professor do *Inglês sem Fronteiras*? _____

1. Durante sua trajetória escolar, como foi tratada a questão da pronúncia, por parte de professores e alunos, nas aulas de inglês?

2. Na sua opinião, qual é a importância da pronúncia no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa?

3. Quais cursos você ministra no programa *Inglês sem Fronteiras* (IsF)?

4. Qual é o papel da pronúncia nas suas aulas?

5. Qual é a sua percepção da expectativa dos alunos em relação à pronúncia?

6. Quais seriam as maiores dificuldades que seus alunos apresentam em relação à pronúncia? (É possível marcar mais de uma alternativa).

- a) Vogais
b) Consoantes
c) Ritmo (connected speech)
d) Entonação (word stress, sentence stress)
e) Outras

7. Qual a sua opinião quanto à formação dos professores do IsF? Existe um processo de formação dentro do programa? Como funciona?
